
**“DOS PORÕES AO CAIS”: MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA
DO SINDICATO DA ESTIVA DE RIO GRANDE-RS
NOS ANOS DE 1960 A 1970.**

**"HOLDS OF THE PIER": MEMORIES OF THE PATH OF
THE UNION ESTIVA OF RIO GRANDE IN THE
1960 1970.**

Thiago Cedrez da Silva
Mestrando em História - UFPel-Bolsista FAPERGS
thicedrez@hotmail.com

RESUMO: A problemática desta pesquisa consiste na análise da trajetória dos trabalhadores da estiva de Rio Grande, durante o período de 1960 a 1970, passando o impacto que o golpe militar de 1964 teve no modo de vida dos estivadores riograndinos. Com tal proposta, visamos identificar as transformações ocorridas no cotidiano desses obreiros, principalmente dos militantes, evidenciando a relação entre o dia a dia dessa classe trabalhadora e sua atividade sindical, bem como o caráter de identificação do “ser estivador”, no período acima mencionado. Será a partir do estudo da memória reavivada dos nossos protagonistas e do diálogo com as demais fontes, que buscaremos compreender os indícios de autonomia e as formas de resistência à dominação a que foi submetido o Sindicato da Estiva de Rio Grande durante o final do regime populista-trabalhista e nos primeiros anos da historicamente, ditadura civil - militar de 1964. Por fim, ao analisar o cotidiano dos estivadores desta cidade, através das fontes e do aporte teórico, entenderemos os aspectos simbólicos que perpassam o “ser estivador” dentro de um rol de categorias de trabalho portuário, bem como a imagem e a representatividade desses obreiros na sociedade Rio-grandina.

PALAVRAS CHAVE: Estivadores. Porto. História Oral.

ABSTRACT: The problem of this research is the analysis of the trajectory of workers stowage of Rio Grande during the period from 1960 to 1970, passing the impact the military coup of 1964 had on the livelihoods of riograndinos stevedores. With this proposal, we aim to identify the changes in the daily lives of these workers, mostly militants, emphasizing the relationship between day-to-day of this working class and union activity, as well as character identification "be stevedore" during the period mentioned above. Will be from the study of memory revived our protagonists and the dialogue with the other sources, who try to understand the signs of autonomy and forms of resistance to domination that was submitted to the Union Stowage Rio Grande during the late populist regime -labor and in the early years of historically civilian dictatorship - military 1964. Finally, when analyzing the daily lives of stevedores this city, through the sources and the theoretical framework, we understand the symbolic aspects that underlie the "stevedore be" within a list of categories of dock work, as well as the image and representation of these workers in Riograndina society.

KEYWORDS: Dockers. Porto. Oral History.

Considerações iniciais

O presente trabalho consiste em um projeto de pesquisa elaborado para fins de participar de seleções de programas de pós-graduação em História. Para este fim, traz-se a tona a estrutura elaborada a partir de eixos norteadores que servirão para edificar o referido projeto, de modo que possibilite ao leitor compreender os caminhos que serão percorridos no decorrer do desenvolvimento da futura pesquisa.

Portanto, a temática dessa pesquisa consiste na análise da trajetória de trabalho e resistência dos estivadores Riograndinos entre os anos de 1960-1970. O estudo busca, dessa forma, reconstituir a história de uma importante categoria de trabalhadores em um contexto político tensionado do Brasil recente.

Para historiar convém apresentar, brevemente, o Sindicato da Estiva de Rio Grande, situando o leitor sobre o seu surgimento enquanto classe sindical, bem como sua importância entre os trabalhadores do Porto de Rio Grande-RS.

Inicialmente, o nosso objeto de estudo está voltado para o trabalhador da estiva. O estivador é o trabalhador responsável pela movimentação e ajuste de cargas nos porões ou sobre o convés de embarcações. Deste modo, o trabalho da estiva é imprescindível para a execução do transporte marítimo.

É comum confundir o estivador com outros grupos de operários do porto, entretanto o estivador, entre outras particularidades, só trabalha a bordo, nunca em terra. Os obreiros que ficam sobre as carretas ou vagões do lado de fora são os arrumadores de cargas. Já o pessoal das pranchetas e anotações são os conferentes, e os portuários são os responsáveis pelo transporte e manutenção de cargas no cais do porto, através da atividade braçal, denominada de capatazia. Até a primeira metade do século XX, os estivadores tinham a tarefa de embarcar a carga nos navios e fazer o serviço de bordo. Com o tempo é que a atividade foi sendo separada e delimitada, ficando o cais aos portuários e a bordo aos estivadores.

Devido ao fato de Rio Grande possuir o único porto oceânico do estado e ser um centro de escoamento e recebimento de produtos agropastoris do continente, posteriormente comercial e industrial, houve uma intensa atividade comercial durante todo o século XIX e início do XX. Para Carlos Alberto de Oliveira (2000), Rio Grande, por ser um ponto de

encontro das águas salgadas do Oceano Atlântico com as águas doces da Laguna dos Patos, possui características significativas, na qual:

[...] o Porto de Rio Grande é muito mais do que um lugar aonde mercadorias e insumos chegam e partem para todas as partes do Brasil e do mundo. O Porto é a alma da cidade e a relação existente entre eles e os costumes dos Riograndinos são bastante peculiares. Desde o linguajar, tudo em Rio Grande lembra o Porto. Na cidade, muitas são as famílias que possuem, ou possuíram ao menos um representante que trabalhe direta, ou indiretamente no Porto (OLIVEIRA, 2000, p. 34).

No mesmo sentido do autor, destacamos o caráter portuário da cidade de Rio Grande, desde sua edificação enquanto urbe, sobrelevando a tradição das atividades da estiva neste espaço. Logo, no final do século XIX, surgiram as organizações de estivadores, que era primeiramente associada à Sociedade União Operária¹² (SUO) de Rio Grande. Esta organização de perfil corporativo tinha como objetivo criar condições de amparo e sobrevivência para seus associados, estes, como os demais obreiros do porto, vivenciavam um cotidiano de trabalho precário marcado por longas jornadas, pouca segurança e vigilância constante por parte da guarda portuária.

Na medida em que os trabalhadores da Estiva foram se organizando, por questões de controle de trabalho, devido ao caráter sazonal de contratação de mão-de-obra, somados as péssimas condições laboriosas, a entidade começou a ganhar força. Nesta época (1900-1930), os operários de “carga e descarga” dos navios mercantes eram escolhidos por capatazes ligados às Agências de Navegação, ou Firms Estivadoras.

Diante de tais questões, organizou-se, no dia 7 de outubro de 1931, o Sindicato dos Operários da Estiva, para a luta pelos seus direitos, pela distribuição equitativa de serviço.

¹ Fundada em 24/ 12/ 1893. E fechada pela ditadura em 1964.

² Segundo Loner (1999), em inícios de 1936, começou-se a organizar a União Sindical, tendo a participação de Carlos Santos, Deputado Classista e do inspetor do MTIC, Jacuy Magalhães (Evolução 2/2/1936). Criada em 20 de fevereiro com os sindicatos: dos carpinteiros, Estiva, Conferentes, Práticos, Maquinistas e Motoristas, Padeiro, Porto e Barra, Fiação e Tecelagem, Charuteiros, Magarefes, Gráficos, Comércio e SUO. (Evolução 80/3/1936). Ela congregava mais sindicatos do Porto que outras centrais, mas não conseguiu manter um funcionamento regular, existindo apenas intermitentemente. Um dos motivos mais evidentes dessa fraqueza organizativa foi o aumento do nível de repressão, depois da revolta da ANL. Em Janeiro de 1937 fez-se nova tentativa de reorganização da União Sindical, pelos 18 sindicatos mais organizados (Evolução 10/1/1937), iniciando-se um trabalho um pouco menos intermitente, mas truncado pela decretação do Estado Novo.

Esta entidade tinha o papel de organizar o sistema de captação de mão de obra, fazendo a intermediação entre trabalhador e empregador.

Tratando agora do Sindicato de Estivadores, num período pós 1945, a entidade assumiu o controle do movimento de inclusão-exclusão no mercado de trabalho portuário da estiva, introduzindo o que viria ser a força supletiva. O sistema sazonal de labor realizado no universo portuário sempre teve como elemento de fundação a existência do excedente da mão de obra. Tal autonomia em organizar e distribuir a força de trabalho trouxe um fortalecimento da condição de sócios do Sindicato, passando a considerar que, na medida em que há um maior poder da entidade, há um maior prestígio dos estivadores (OLIVEIRA, C. 2000).

O “fazer-se” da construção da classe estivadora em Rio Grande foi marcado por lutas e reivindicações de seus trabalhadores por melhorias de condições de trabalho e nos ganhos. Para Cristobal Moraes³, esse processo foi turbulento. Segundo o autor:

[...] o período anterior da fundação do Sindicato, foi de muitas perseguições, efetuadas pelas autoridades constituídas da época a mando do capital dominante. O Sindicato dos Estivadores de Rio Grande é o quarto sindicato da categoria a ser criado no Brasil, sendo que o primeiro é do porto de Salvador em 1912, seguido de Paranaguá e Antonina em 1919 e o Sindicato de Itajaí 1922. [...] é importante salientar que anteriormente, já havia as Associações de Estivadores de Recife fundada em 1891, e em 1903 a União dos Operários Estivadores do Rio de Janeiro. [...] a História do Sindicato dos Estivadores de Rio Grande, como os demais da categoria, foi marcada por lutas constantes nas reivindicações dos direitos trabalhistas em defesa de seus operários, prova disso em 1933, foi efetuado o primeiro Congresso Nacional de Estivadores, com o objetivo principal de fundar a Federação Nacional dos Estivadores. Que infelizmente não houve consenso, dado as circunstâncias políticas da época, vindo a ser fundada somente no ano de 1949. (Moraes, 2013).

Os membros do Sindicato da Estiva de Rio Grande estiveram presentes nos Congressos Nacionais dos Estivadores, acompanhando e lutando em prol de melhorias para a categoria. O exemplo dessa participação foi visto no III Congresso Nacional dos Estivadores, ocorrido no dia 1º de agosto de 1960, no Sindicato dos Estivadores de Santos, que teve como representante o rio-grandino Epahim Lacerda de Moraes. Também na 2º Conferencia Nacional

³ Cristobal S. Moraes é membro do Sindicato dos Estivadores e dos Trabalhadores em Carvão e Mineral de Rio Grande, Pelotas e São José do Norte. Trabalha nesta entidade desde a década de 1950 e atualmente exerce a função de secretário.

dos Estivadores, em Salvador, no dia 25 de abril de 1963, com a participação dos representantes rio-grandinos Jovenal Antonio Vieira, Telmo Porto, Zalmiro Pacheco (OLIVEIRA, J. 1999). Para Cristobal Moraes, estas conquistas ainda estavam presentes em sua memória, conforme declarado abaixo:

Em 1940 foi aprovada a tabela que disciplinava os trabalhos sem produção; 1949 a conquista do repouso remunerado; 1954 Segundo Congresso Nacional dos Estivadores, com a regulamentação do serviço de estiva; 1955 ganhos para cargas de riscos e inflamáveis; 1956, regulamentação dos serviços de estiva nas equipes (ternos⁴) a bordo dos navios, a ser executados por estivadores escalados no rodízio, pois que até então os serviços de chefias de equipes (ternos) eram executados por operários designados pelos patrões (agentes de navegação); 1960 Terceiro Congresso Nacional dos Estivadores, com participação efetiva e atuante do Sindicato de Rio Grande, representado pelo incansável mentor, relator e associado: Efraim Lacerda de Moraes, da inclusão de chefias no sistema de rodízio sindical dos associados, em 1960 a 1/08 greve geral dos estivadores em prol da conquista de Férias, aumento nas taxas de produção em 35%, fornecimento de água potável nos porões, adicional de 20% nos serviços ao largo, retorno a Caixa Acidente; 1966 Rodízio de capatazia, a exemplo das chefias de ternos estes também eram designados pelos patrões. (Moraes, 2013).

O sindicato na vida dos estivadores de Rio Grande deixa de ser apenas uma entidade de representação de classe e passa a se enraizar na vida dos obreiros. Percebe-se, a partir dos depoimentos, o quanto o Sindicato foi importante na vida desses trabalhadores, pois através do mesmo, estes operários melhoraram de situação social, adquiriram melhores ganhos financeiros. Vejamos as próprias palavras desses “homens do mar” ao falar sobre o significado desta entidade em suas vidas. Para Cristobal Moraes, “como emprego significa tudo, como profissional, digamos assim, empregado, pra mim eu gosto demais, isso aqui faz parte da minha vida. Pra mim serve como um todo, até porque eu já sou descendente praticamente, já esta no DNA, meu pai era estivador.”⁵

Antes da implantação da Ditadura Civil-militar, os trabalhadores lutavam por seus direitos através de paralisações no Porto de Rio Grande. Geralmente, as decisões dessas ações eram feitas em conjunto com outros sindicatos de estivadores de outros portos espalhados

⁴ A expressão “ternos” significa a formação de equipes de homens para carregamento e arrumação de mercadorias a bordo do navio ou no cais portuário.

⁵ Entrevista realizada pelo autor, em 14 de agosto de 2012.

pelo Brasil. Era comum também a união com outras categorias portuárias, como por exemplo, os trabalhadores do cais, para agregar força no movimento. Mesmo com os conflitos internos entre cada uma, havia uma consciência de classe entre as categorias de trabalho no que tange à luta por direitos. “Havia uma unidade sindical muito forte”, diz Cristobal Moraes.⁶

Nesta pesquisa buscaremos entender os indícios de autonomia, as formas de resistência e lutas pelos direitos adquiridos no momento pré Golpe Civil-militar de 1964, até os anos finais desta década. Será nesse emaranhado de relações sociais existentes entre trabalhador, política e Estado que esta pesquisa estudará sua relação com o contexto histórico da década de 1960.

A importância da pesquisa e uma revisão bibliográfica

No que se refere à história dos “trabalhadores do porto”, existem produções interessantes sobre essa temática, ainda mais, as que direcionam suas análises aos portos da região sudeste do Brasil⁷. Dentre essas, temos as obras sobre o Porto de Santos, de Maria Lúcia Caira Githay, Ingrid Sarti, Fernando Teixeira Silva e as de Maria Cecília Velasco e Cruz e M. Albuquerque, sobre o Porto do Rio de Janeiro.

No caso dos Portos dos Sulinos, existem também trabalhos acadêmicos que os abordam, tais como o do historiador Edgar Ávila Gandra. Através de duas pesquisas feitas em dois momentos distintos, numa investigação minuciosa, Gandra analisou o “fazer-se” dos trabalhadores portuários de capatazia durante os anos de 1959 a 1969 no Rio Grande do Sul. Na qual, em ambos casos, seu foco foi a trajetória dos membros e líderes dos sindicatos desta categoria nos portos de Rio Grande e Porto Alegre. (GANDRA, 1999).

Outro autor que estudou a temática portuária em Rio Grande foi Carlos Alberto de Oliveira. Sua obra trata dos trabalhadores da estiva de Rio Grande entre os anos de 1945 a 1993. Utilizando-se de suportes referenciais da História Oral e da História do Tempo Presente, Oliveira buscou entender a constituição da identidade do estivador através das

⁶ Entrevista realizada pelo autor, em 14 de agosto de 2012.

⁷ Sobre essa temática, Silvia Petersen (1995) relata que existe uma tendência nos estudos da historiografia sobre o operariado, em transformar os estados do Rio de Janeiro e São Paulo em “centros definidores de sentido” para a história do Brasil. Nossa pesquisa, busca deslocar o eixo geográfico dominante, voltando-se para o extremo sul do País e centrando sua atenção na militância dos trabalhadores da estiva de Rio Grande –RS.

relações de tradição de trabalho e cotidiano. Sendo assim, seu estudo não recaiu sobre a atuação política ou sindical dos trabalhadores dos porões. (OLIVEIRA, 2000).

Diego Luis Vivian, ao discutir a indústria portuária sul-rio-grandense, tratou da formação da categoria dos vigias de embarcações nos portos de Rio Grande e Porto Alegre, nos anos de 1956 a 1964. Além de estudar a trajetória desta categoria, o autor trouxe dados importantes sobre a movimentação comercial portuária rio-grandina, contribuindo para entendermos a importância dos obreiros do porto para economia do sul do país. (VIVIAN, 2008).

Destacamos, ainda, a Dissertação de Mestrado “A importância do Porto de Rio Grande na economia do Rio Grande do Sul entre os anos de 1890 a 1930”, de Hugo Alberto Pereira Neves (1980), que também abordou os aspectos econômicos do porto. Em especial, sobre o volume de mercadorias movimentadas através do cais rio-grandino.

O trabalho do Sociólogo Ticiano Duarte Pedrosa (2012) sobre as narrativas do cotidiano no subúrbio operário em Rio Grande, no bairro Cidade Nova, na década de 1950, também tange a questão portuária. Seu estudo contribuiu para entendermos algumas questões sobre as moradias dos obreiros e do cotidiano dos trabalhadores fabris e portuários da região rio-grandina.

Percebe-se que ainda é limitada a produção historiográfica sobre os trabalhadores do Sindicato da Estiva de Rio Grande. Portanto, nosso estudo é importante na medida em que propõe preencher, pelo menos em parte, esta lacuna, sendo uma contribuição para a história regional do período em tela na cidade do Rio Grande, bem como sobre a história do trabalho brasileiro.

Objetivos a serem alcançados

Analisar a partir das memórias dos trabalhadores do Sindicato da Estiva de Rio Grande, nos anos 1960, como suas vidas e organizações edificou-se ao longo da década de 1960, em contextos políticos diferenciados. Afinando o objetivo proposto, pretende-se alcançar nesta pesquisa:

1- Analisar a trajetória do Sindicato dos Estivadores de Rio Grande frente ao cenário histórico da década de 1960. Evidenciar a reação dos obreiros; entender como as lutas sindicais da estiva desenvolveram-se, que alcance tinha e o que era possível concretizar num período ditatorial.

2- Procurar identificar, no processo da pesquisa, formações de imagens e estigmas que perpassam a identidade do “ser estivador”, no Porto da cidade do Rio Grande, bem como investigar sobre as construções de identidade produzidas pela mídia e pelos discursos oficiais.

3- Buscar entender, também, como os obreiros da estiva se representavam e como responderam, em suas práticas discursivas, a esse processo de projeção de identidades.

Problematização da Pesquisa

A problemática deste projeto consiste na análise da trajetória dos trabalhadores da estiva de Rio Grande, durante o período de 1960 a 1970, perpassando o impacto que o golpe militar de 1964 teve no modo de vida dos estivadores rio-grandinos. Com nossa proposta, visamos identificar as transformações ocorridas no cotidiano desses obreiros, principalmente dos militantes, evidenciando a relação entre o dia a dia da classe trabalhadora e sua atividade sindical, bem como o caráter de identificação do “ser estivador”, no período acima mencionado.

Será a partir do estudo da memória reavivada dos nossos protagonistas e do diálogo com as demais fontes, que buscaremos compreender os indícios de autonomia e as formas de resistência à dominação a que foi submetido o Sindicato da Estiva de Rio Grande. Durante o final do regime populista-trabalhista e nos primeiros anos da histórica ditadura civil-militar de 1964.

Por fim, ao analisar o cotidiano dos estivadores desta cidade, através das fontes e do aporte teórico, entenderemos os aspectos simbólicos que perpassam o “ser estivador” dentro de um rol de categorias de trabalho portuário, bem como a imagem e a representatividade desses obreiros na sociedade rio-grandina.

Referencial Teórico-Methodológico

Os aspectos conceituais que dialogam com o objeto de estudo, no nosso entender, parte da articulação das reflexões sobre memória, identidade e representação, visto que trabalhamos com um conjunto de fontes que permitem essa interface teórica. Afinal, este trabalho parte da análise da memória reavivada de trabalhadores do porto de Rio Grande. Também, logicamente, confrontaremos essas fontes com outras importantes que serão arroladas.

A escolha dos conceitos-chaves está relacionada ao objeto de pesquisa, pois os estivadores rio-grandinos possuíam uma forte identificação, ainda que, na condição de memória do trabalho.

Sobre memória, existem inúmeras concepções, já que ela não se reduz ao simples ato de recordar. Para Maurice Halbwachs (1990), a memória seria um processo coletivo fruto da interação individual com os outros (o fenômeno social), possibilitando, assim, que as pessoas se lembrem de determinados fatos. Deste modo, cria-se a concepção de uma memória coletiva que abrangeria toda uma influência da cultura social na sua formação. Faz sentido analisar o fato de que os indivíduos dialogam entre si, criando-se assim uma linha tênue entre diferença e identidade, formadores de memórias que são reflexos do fenômeno social.

Para Marilena Chauí (1995), “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125). Tempo este que aliado à memória, se diluiria em um único processo, seriam uma ponte de ligação que integram as inúmeras extensões da própria temporalidade em movimento. Nesse sentido, Lucilía Delgado (2006) traça um apanhado dos múltiplos significados potencializadores do conceito de memória, afirmando que não se trata de algo homogêneo e sim de uma:

[...] ordenação e releitura de vestígios (espontâneos ou induzidos), relacionada a comportamento, mentalidades, valores, experiências vividas; retenção de elementos inerentes a conhecimentos adquiridos; estabelecimento de nexos entre o presente e as experiências vividas; evocação do passado, através de reminiscências e lembranças; afirmação de identidade através do reconhecimento da pluralidade e alteridade, que conformam a vida em fluxo contínuo; atualização do passado no eterno presente; seleção e tensão entre o lembrar e o esquecer; evocação de utopias, que libertam o homem, fazendo do passado suporte para reconstrução do

próprio presente e para construção do futuro; Manifestação de identidades, não unívocas, mas plurais, múltiplas e sempre atualizadas; reflexão sobre a experiência individual de vida, relacionando-a às experiências coletivas, ou seja, aos conteúdos históricos sociais (DELGADO, 2006, p.39).

Outro conceito-chave que utilizamos a fim de qualificar o olhar para as fontes é o de identidade, por ser um conceito que vem levantando muitas questões em diversos campos das ciências humanas, tendo diferente olhares a seu respeito. Optamos por apenas destacar a relação entre o conceito em tela com os demais propostos nesta pesquisa e como utilizamos na pesquisa.

Sendo assim, podemos entender a identidade como um caráter delimitador de si próprio, uma maneira do indivíduo se perceber como o mesmo ao longo do tempo. Desta identidade pessoal, fruto das relações sociais, passa-se para uma identidade cultural, que seria a partilha de uma essência entre diferentes indivíduos. Para Stuart Hall (2006), existe um processo de transformação, “somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual no afazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós) dentre as quais parece possível fazer uma escolha” (HALL, 2006, p.75).

O “ser estivador” pode partir de uma escolha e identificação pessoal, assim como pode emergir de uma identificação coletiva, fruto de sistemas simbólicos de representação de uma classe trabalhadora. Tomaz Tadeu da Silva (2005) chama a atenção ao fato de relacionar a identidade com a diferença, pois ambos se complementam. Sendo assim, a identidade é marcada pela diferença. Neste caso, “a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas pelos quais são representadas” (SILVA, 2005, p.8). O que identificaria um estivador seria então sua linguagem simbólica, os afazeres profissionais ligados à arte da estiva, as suas diferenças perante os demais indivíduos obreiros do cais, elementos significativos enraizados nas relações sociais de poder construídas através do tempo. Portanto, a identidade estaria vinculada também a condições sociais e materiais.

A historiadora Isabel Bilhão (2008) contribui para nossa reflexão quando afirma que “as identidades coletivas não existem de forma isolada umas das outras”. Para entendermos a identidade que perpassa o “ser estivador”, podemos pensar também “a partir da relação, convivência ou conflito com outras identidades que interagem em sua construção,

contribuindo pra uma constante e recíproca transformação e reelaboração” (BILHÃO, 2008, p. 21).

Será, então, através do diálogo entre as fontes orais e as escritas desta pesquisa que se buscará lançar algumas luzes para entender esse emaranhado de símbolos que constituem a identidade do estivador rio-grandino. Para Stuart Hall (2006), a identidade se encontra dentro de uma rede de relações dos meios em que é produzida e ainda assim:

[...] as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma identidade idêntica (HALL, 2006, p. 109).

Para Tomaz Silva, a relação entre identidade e representação se daria por “meio dos significados produzidos pelas representações que dão sentido à nossa experiência e aquilo que somos” (SILVA, 2005, p.17). Sobre o conceito de representação, é uma das palavras mais frequentes nos estudos historiográficos atuais, segundo Dominique Santos (2011). Este conceito deve receber um olhar mais atento e crítico pelos historiadores, tendo em vista seu caráter interdisciplinar e seu aspecto polissêmico que abrange diferentes olhares de outras áreas. (SANTOS, 2011, p.23).

Entendemos, assim, que existem muitos teóricos que dissertam sobre esse conceito. No entanto, para este projeto, iniciaremos com as formulações de Roger Chartier, Carlo Ginzburg e Paul Ricoeur sobre o conceito de representação, elemento este que já contribui para interagirmos com as fontes.

O historiador Roger Chartier (1991) entende que a noção de representação pode ser “construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade, em seguida, as práticas que visam a fazer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo” (CHARTIER, 1991, p.181). As relações entre identidade e representação podem estar interligadas com um aspecto de definição a uma categoria social ou grupo de trabalhadores, neste caso, os obreiros da estiva.

Carlo Ginzburg (2001), dialogando com o pensamento de Chartier, nos chama a atenção para uma ambiguidade do termo representação, que ora “faz às vezes da realidade representada” (GINZBURG, 2001, p. 85), evocando a ausência; ora o torna visível, sugerindo sua presença. Ou seja, a representação existe na medida em que há elementos que façam aflorar seu caráter representativo, dentro da realidade que estiver inserida.

Paul Ricoeur (2007) atenta para a relação entre a noção de “representação” e “narração histórica”, salientando que a “representação não se acrescenta de fora à fase documental e à fase explicativa, mas as acompanha e as sustenta” (RICOEUR, 2007, p. 251). Ou seja, dentro do discurso historiográfico podemos encontrar os elementos simbólicos que permeiam o “representar” de um indivíduo ou de uma classe trabalhadora. Na relação entre os documentos históricos e suas narrativas (fontes documentais deste projeto) e a memória dos estivadores de Rio Grande (fontes orais desta pesquisa) é que buscaremos compreender os elementos propostos acima. A priori, será na articulação desses conceitos que pretendemos dar suporte à nossa pesquisa. Logicamente, outros aspectos teóricos poderão ser incorporados no diálogo com as fontes. Afinal, é na dinâmica da pesquisa que refinaremos nosso campo conceitual.

Os métodos: A História Oral em perspectivas

Como o principal conjunto de fontes dessa pesquisa está constituída, até o momento, de entrevistas com trabalhadores, em específico de estivadores rio-grandinos, recorrer à História Oral como metodologia de pesquisa será fundamental para alcançar os objetivos. Pois, trabalhar com relatos ou testemunhos de agentes comuns que vivenciaram um determinado período histórico, nos permite dar voz a protagonistas sociais geralmente não contemplados nos discursos oficiais. Dentro das inúmeras possibilidades e práticas que a História Oral oferece, optamos por fazer entrevistas temáticas de final aberto⁸, que se caracterizam pelo direcionamento a um tema específico, pelo qual o entrevistador, ao encaminhar a entrevista, possibilita ao entrevistado uma dinâmica mais espontânea e flexível. Além disso, as entrevistas temáticas possibilitam fornecer elementos, informações, versões e

⁸ Para essa discussão, nos foi útil a obra de José Carlos Sebe Bom Meihy (1996), “Manual de História Oral”.

interpretações sobre temas específicos. Neste caso, sobre a trajetória de vida dos trabalhadores da estiva, sindicalizados, que vivenciaram o período em tela.

A historiadora Verena Alberti (1990), ao trabalhar com a História Oral, ressalta o seu valor, pois, consiste em “[...] privilegiar a realização de entrevistas com pessoas que participaram de ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 1990, p. 1-2). Ou seja, conhecer as visões de quem vivenciou acontecimentos históricos é de extrema relevância. Ao mesmo passo que é importante buscar perceber e identificar, nas narrativas dos depoentes, os possíveis resquícios e influências do tempo presentes na memória trazida à tona. Para isso, a transparência, ética e o profissionalismo são fundamentais ao manusear tais tipos de fontes. Portelli (1997) ressalta que o “compromisso com a honestidade significa respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos” (PORTELLI, 1997, p.15), Assim, o uso da História Oral torna-se fidedigno de atenção.

Por estarmos trabalhando com registros de depoimentos de histórias vividas, por conseguinte, termos em mão um procedimento, um meio, um caminho para produção do conhecimento, teremos o cuidado de analisar na memória, principal fonte dos depoimentos orais, os diferentes olhares e saberes do tempo vivido. Com isso, Lucília Delgado (2006) expõe:

A memória é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis - temporais, topográficas, individuais, coletivas - dialogam entre si. Muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando, em alguns casos, a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida (DELGADO, 2006, p.16).

Esse cuidado é importante, pois lidaremos com trabalhadores que vivenciaram um período tensionado da história do Brasil: a Ditadura Militar. Sendo que é possível ainda encontrar relatos perpassados de medo e receio de que certas informações possam

comprometê-los. Afinal de contas, alguns trabalhadores do Porto de Rio Grande - em especial da Estiva - foram perseguidos, presos e torturados neste período do regime⁹.

Ao analisar as entrevistas, precisamos ter presente que estamos lidando com a memória de pessoas que participaram de inúmeros acontecimentos ao longo de suas vidas. Deste modo, podemos dizer: a memória é um objeto de contínua negociação entre diferentes valores e significados que trazem sentimentos de identidade e diferença.

As relações sociais existentes entre os indivíduos fornecem bases para uma memória coletiva, sendo a identidade um fator de ligação, de pertencimento dentre um rol de acontecimentos. Com isso, ocorre uma veste de identificação, logo um conflito de representações dentro do palco das relações sociais. Deste modo, “a identidade e diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e diferença adquirem sentido” (SILVA, 2005, p. 91).

Dentro dessa discussão, encaixa-se a relação entre memória e História Oral. Sobre esse ponto, a Historiadora Verena Alberti (1990) relata o seguinte:

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de uma identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias das pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História Oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, a sociedade como um todo. (ALBERTI, 1990, p.167)

No ato de lembrar algo, acabamos por reencontrar a nós mesmos, por conseguinte, formamos uma identidade. É um caminho possível para que os sujeitos trilhem os tempos de sua vida. De acordo com Delgado (2006), a memória atualiza o tempo passado, tornando_o tempo vivo e pleno de significados no presente. É inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do cruzamento de tempos múltiplos.

Portanto, com o uso da História Oral buscaremos compreender qual o olhar dos trabalhadores com relação ao cenário em foco, visando elencar algumas questões que ficaram

⁹ No jornal: Jornal Rio Grande, 25/4/1964, p. 1, foi publicado a lista com os nomes das pessoas que foram presas e aquarteladas no Navio Hidrográfico da Marinha Canopus, em Rio Grande e em seguida transportadas para Porto Alegre.

implícitas nas falas destes, adentrando, assim, como afirma Michel Pollack, nas “zonas de sombra, silêncios, não ditos” (POLLACK, 1989, p.6). No caso específico, o contexto e os silêncios da resistência dos estivadores rio-grandinos.

No que tange ao conceito de resistência, concordamos com as formulações de Marilena Chauí (1986). Para a autora, a “[...] resistência [...] pode ser difusa – na irreverência do humor anônimo percorre as ruas, muros da cidade – quando localizada em ações coletivas e grupais” (CHAUI, 1986, p. 63). Deste modo, podemos afirmar que tal conceito tanto pode ser deliberado como espontâneo, assumindo uma postura multifacetária, e possibilitando uma melhor compreensão das várias formas de resistências, que os trabalhadores da estiva de Rio Grande elaboraram, frente ao contexto histórico em tela.

Previsão de Fontes

Nessa pesquisa haverá a preocupação de efetuar o cruzamento de informações contidas nas entrevistas com as fontes documentais escritas, especialmente, jornais informativos e de circulação local. Eni de Mesquita Samara (2007) expõe que, em se tratando de documentos e metodologias de pesquisa histórica, “hoje os documentos que fundamentam os estudos históricos assumem as formas mais diversas, abordam diferentes conteúdos e podem ser encontrados em lugares mais variados” (SAMARA, 2007, p.67).

Ainda com referência às fontes escritas, será pesquisado o Arquivo de Jornais da Biblioteca Pública de Rio Grande¹⁰, o Arquivo da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), o Arquivo do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas, o Arquivo Morto do Sindicato dos Estivadores de Rio Grande, o Arquivo de Recursos Humanos do Porto de Rio Grande, o Arquivo da Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas de Rio Grande¹¹ (ATAPRG) e o Arquivo Morto do Porto de Pelotas.

Sobre o arquivo do Sindicato dos Estivadores de Rio Grande, já obtivemos um contato prévio e encontraram-se os seguintes documentos: as fichas de cadastro dos trabalhadores, que estão em pastas numeradas de 01 a 700; o livro de ata do Monte Pio - nº1,

¹⁰ Nos arquivos da Biblioteca Pública de Rio Grande se encontra o acervo dos Jornais “RIO GRANDE”.

¹¹ Buscaremos encontrar, no contato com este arquivo, a lista dos trabalhadores da estiva de Rio Grande que estão aposentados, vivos e que trabalhavam no período de análise desta pesquisa.

de 1955 até nº8; o livro de ata da Assembléia Geral, de 27/06/1966 até 13/09/1975; o livro de ata da Assembléia Geral, de 1964 até 1965; o livro de ata da Assembléia Geral da Estiva Futebol Clube, de 10/1931 até 1953; o livro de matrículas de operários do Sindicato da Estiva de Rio Grande, de 1931 á 1940; o álbum de fotografias do Sindicato e dos trabalhadores.

Sobre as fontes orais, já foram feitos contatos com trabalhadores da Estiva que vivenciaram o período em tela e buscaram-se, a partir de então, realizar entrevistas para colher as memórias das experiências dos trabalhadores da Estiva da Cidade o Rio Grande.

Por fim, buscaremos dialogar com os princípios de Carlos Bacellar (2010), no que tange à pesquisa com documentos em arquivos históricos, na qual é preciso, acima de tudo, “entender as fontes em seus contextos, perceber que algumas impressões demonstram os interesses de quem as escreveu, [...] e assim, serão entendidas com olhar crítico e a correta contextualização do documento em mãos” (BACELLAR, 2010, p.64). Partindo dessa premissa, relacionaremos os conceitos-chaves presentes e a metodologia de pesquisa deste projeto com as fontes em tela, de modo a buscar alcançar os objetivos propostos acima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. Pg. 01-2.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. IN: PINSKY, Carla Bassenezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898 a 1920)**. Londrina: EDUEL, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Convite á Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre certezas e incertitude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. O mundo como representação. Estudos Avançados.[online]. 1991, vol.5, n.11, pp.173-1991.

DELGADO, Lucília, de Almeida Neves. **História Oral- Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GANDRA, Edgar Ávila. **O cais da Resistência**: a trajetória do sindicato dos trabalhadores nos serviços portuários de Rio Grande no período de 1959 a 1969. Cruz Alta, UNICRUZ, 1999.

_____. **O porto dos Direitos**: a trajetória do sindicato nos serviços Portuários de Porto Alegre no período de 1959 a 1969. Porto Alegre, Ed. Universitária/ UFPel, 2009.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Olhos de Madeira – nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LONER, Beatriz Ana. Centrais Operárias de Rio Grande. In: ALVES, Francisco das Neves. **Por uma história multidisciplinar do Rio Grande**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999. P. 207-211.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MORAES, Cristobal S. Disponível em: <<http://www.estivarg.com.br/php/historia.php>> Acesso em: 10 Mar.2013.

NEVES, Hugo Alberto Pereira. **A importância do porto do Rio Grande na economia do Rio Grande do Sul (1890-1930)**. Curitiba, 1980. Dissertação (Mestrado em história do Brasil), Universidade Federal do Paraná/UFPR, 1980. (fotocopiada).

OLIVEIRA, Carlos Alberto de. **Quem é do mar não enjoa**: Memória e Experiência de Estivadores do Rio Grande/RS (1945- 1993). São Paulo, PUC, 2000.

_____. **Do cais á cidade**: os estivadores de Rio Grande nos 60. 19º Simpósio Nacional de História da ANPUH. História e Cidadania. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 20-25 de julho 1997. (fotocopiada).

OLIVEIRA, João Batista de. **O estivador no Sindicalismo**. Rio de Janeiro: Alves Pereira Editores, 1999.

PEDROSO, Ticiano Duarte. Cidade Nova: narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande. 2012. 162f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-graduação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais a história operária brasileira. **Anos 90**: Revista do programa de Pós-graduação em História. Porto Alegre: UFRGS, n.3, maio. 1995.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Vol. 2, nº3, p. 3-15, Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História. São Paulo: PUC-SP, n.15, abril de 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, e o esquecimento**. Tradução: Alain François [ET AL.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SAMARA, Eni Mequita; TUPY, Ismênia S. S. Truzzi. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho. A cerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**. Universidade Federal de Goiás. Ano 3. n.6, Dez de 2011.

SARTI, Ingrid. **O porto Vermelho**: os estivadores santistas no sindicato e na política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SILVA, Tomaz T. da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4º Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VIVIAN, Diego Luiz. Indústria portuária sul-rio-grandense: portos, transgressões e a formação da categoria dos vigias de embarcações em Porto Alegre e Rio Grande. 2008. 345f. **Dissertação** (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.